

Fábulas e Histórias Tristes



Grupo Lobo/ANOV/OLMO

Todos conhecemos o Lobo Mau que põe os contos com que milhões de crianças em todo o mundo se divertem e são educadas. Este vilão das florestas infantis está sempre estomado, surge sempre as crianças mal elas se aventuram fora dos caminhos recomendados, ataca sem piedade os distraídos, os mentirosos e os imprevidentes, como os ferozes porquinhos que não acautelaram a solidez das suas casas.

Mas tal personagem faz trabalho, afinal, como auxiliar educativo: personaliza todos os fenómenos com que a implacável Natureza castiga os que a desafiam por orgulho ou imprevidência. O Lobo Mau é um potente símbolo dos mil perigos que aguardam os pelizes que desobedecem aos males velhos, às normas da comunidade e a toda a educação que lhes é inculcada para favorecer a sua integração numa sociedade coesa. A educação fabrica assim um mito à medida dos seus objetivos: assustar para induzir o conformismo e a segurança.

O lobo estava mesmo talhado para desempenhar esse papel: um predador astucioso que prefere mover-se na escuridão, que limita os seres humanos na formação de grupos que atacam em conjunto, que por vezes retira ao Homem os animais de que este depende para o seu sustento.

A inimizade entre lobos e homens é coisa antiga. Ainda mais antiga do que a nossa relação com o cão; mas nem esta é isenta de aspectos negativos, de histórias sem finais felizes.

Sabemos que todos os cães descendem do lobo; do mínimo Chihuahua ao Dogue Alemão. Também conhecemos bem as tropas caninas que hoje montam guarda aos rebanhos mais protegidos: as excelentes raças de cães de gado portuguesas. Por alguma razão a sabedoria popular atribui aos nossos companheiros de quatro patas o lugar de nossos melhores amigos.

Mas o Homem nem sempre sabe retribuir tanta dedicação e amizade. Quando chega o Verão, regressa o flagelo dos cães abandonados. O animal que não tem espaço na viagem de férias, o canil que é caro, o amigo canino que afinal não se pode sustentar, etc. As (más) desculpas abundam. Depois, surgirá mais uma revolta de cães de caça deixados à sua sorte por "donos" que deles já não precisam ou que não ficaram contentes com o seu desempenho.

Cabe então às entidades públicas gastar parte dos nossos impostos a recolher, manter e encontrar destino para estes pobres animais, que culpa nenhuma têm. Ninguém se responsabiliza por eles, ninguém pagará danos que provoquem. Sem testemunhas, por vezes é difícil destrinçar ataques ao gado perpetrados por lobos e cães, pelo menos sem recorrer à genética. Em 2014, no âmbito do Projecto Med-Wolf, análises à saliva recolhida nos feridos de morte de animais atacados revelaram a presença de cães em 11% dos prejuízos examinados.

As ninhadas que estes animais formam são também um problema para o lobo. Competem com ele por espaço, defendendo territórios próprios, por alimento e até por parceiros de reprodução – criando o risco do aparecimento de mais híbridos, descaracterizando o património genético do lobo ibérico.

Solução? Antes de tudo, aplicar com mais denodo a legislação já existente: investigar situações claras de abandono, esterilizar os cães vadios, esclarecer os aspectos legais relacionados com a propriedade dos cães e as responsabilidades dos donos. Informar e sensibilizar é outra prioridade. O abandono deve ser prevenido, com campanhas apontadas ao público em geral e especialmente aos caçadores; explicando os riscos e consequências do abandono dos cães, como a transmissão de doenças, ataques a pessoas, prejuízos na caça e no gado, sem esquecer o impacto sobre espécies ameaçadas.



Loja do Centro de Recuperação do Lobo Ibérico

Estes produtos podem ser adquiridos na página do Facebook do Grupo Lobo em:

www.facebook.com/Grupo-Lobo

